

A decisão

Vanessa Anacleto

Acordou decidida. Dormiu muito pouco; uns conchilos nervosos. As olheiras revelavam a falta de sono.

A decisão de largar o emprego foi tomada. Sabia que era decisão de má hora. Resolver uma coisa dessas com raiva, enquanto remoía, na cama remexida, oito anos de serviços prestados à empresa poderia não ser prudente.

"Dane-se", pensou. Estava certa do que queria e pronto. Não se arrependeria e ponto.

No banho passou mais uma vez a cena que faria com o chefe. "Lamento senhor Almeida mas obtive uma posição melhor em outra firma. O senhor sabe há quanto tempo estou aqui na mesma função e sequer me concedem um aumento, não é justo. Não, desculpe mas não posso reconsiderar. Não senhor, nem pelo dobro do salário. O que podem fazer por mim? Bom, agradeceria se dessem meu contrato por encerrado e liberassem meu fundo. Sim, é a minha última palavra. Adeus"

Engolindo o café, forte e sem açúcar, procurava acreditar mais uma vez que aquilo estava certo. Apesar de não existir outro emprego, sonhava ir se mantendo com a indenização até que aparecesse coisa melhor. O que não podia era passar mais um dia naquela firma de merda. (leitor, perdoe a linguagem, mas foi exatamente isto que ela pensou e não posso reprimir minha personagem).

Ainda lembrava a humilhação que passara na última tentativa de conseguir uma mísera promoção para o cargo de subalterna da subalterna júnior e que, na última hora, foi preenchida por uma estagiária que de tanto mascar chicletes ainda perderá a mandíbula. Não, definitivamente - pensou ao despedir-se do porteiro do seu prédio - tinha que dar um fim nisso tudo.

Parou no seu Osvaldo, o jornaleiro, deu uma lida rápida nas notícias tristes do dia e rumou confiante, ou quase, ao seu destino. Antes de tomar o metrô, foi engolida por uma massa tão densa de gente que, por instantes, se perdeu. Viu passar um boné amarelo e seguindo-

o conseguiu sair da multidão. Ao olhar com calma viu que era tanta gente que dobrava o quarteirão. Perguntou do que se tratava. " Fila do balcão de emprego dona".

Ao receber o bilhete da funcionária sentada atrás do vidro blindado, já não sabia de onde viera a certeza que trouxera consigo. Equilibrando-se no vagão buscava a lógica do raciocínio antes tão claro. A mente, tão vazia quanto o estômago , não encontrava solução. Vagarosamente entrou na empresa sem tirar os olhos do chão. Ao entrar na seção foi direto ocupar seu cubículo e, de cabeça baixa , sequer viu o chefe entrar quinze minutos depois. Deveria ter dormido melhor a noite.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/a-decisao-1>